SÉRIE PROJETOS

COLÉGIO EQUIPE

70 ano

Santos:

Porta aberta para quem e para onde?

2014

VISITA AO PORTO - BOLSA DO CAFÉ - FORTALEZA DA BARRA GRANDE - ENGENHO DOS ERASMOS

ÍNDICE

Introdução

História

Fortaleza de Santo Amaro Barra Grande
Engenho São Jorge dos Erasmos
Quadro “A fundação da Vila de Santos”
Relações entre o forte, o engenho e o porto de Santos

Geografia

Panamá
Nova Iorque
Saint John
Roterdã
Hamburgo
Chipre
Malta
Libéria
Cingapura
Malásia
Japão
Hong Kong

Ciências

Procedimentos
Espécies vegetais
Vasos condutores
Trilha
Conclusão

Projetos

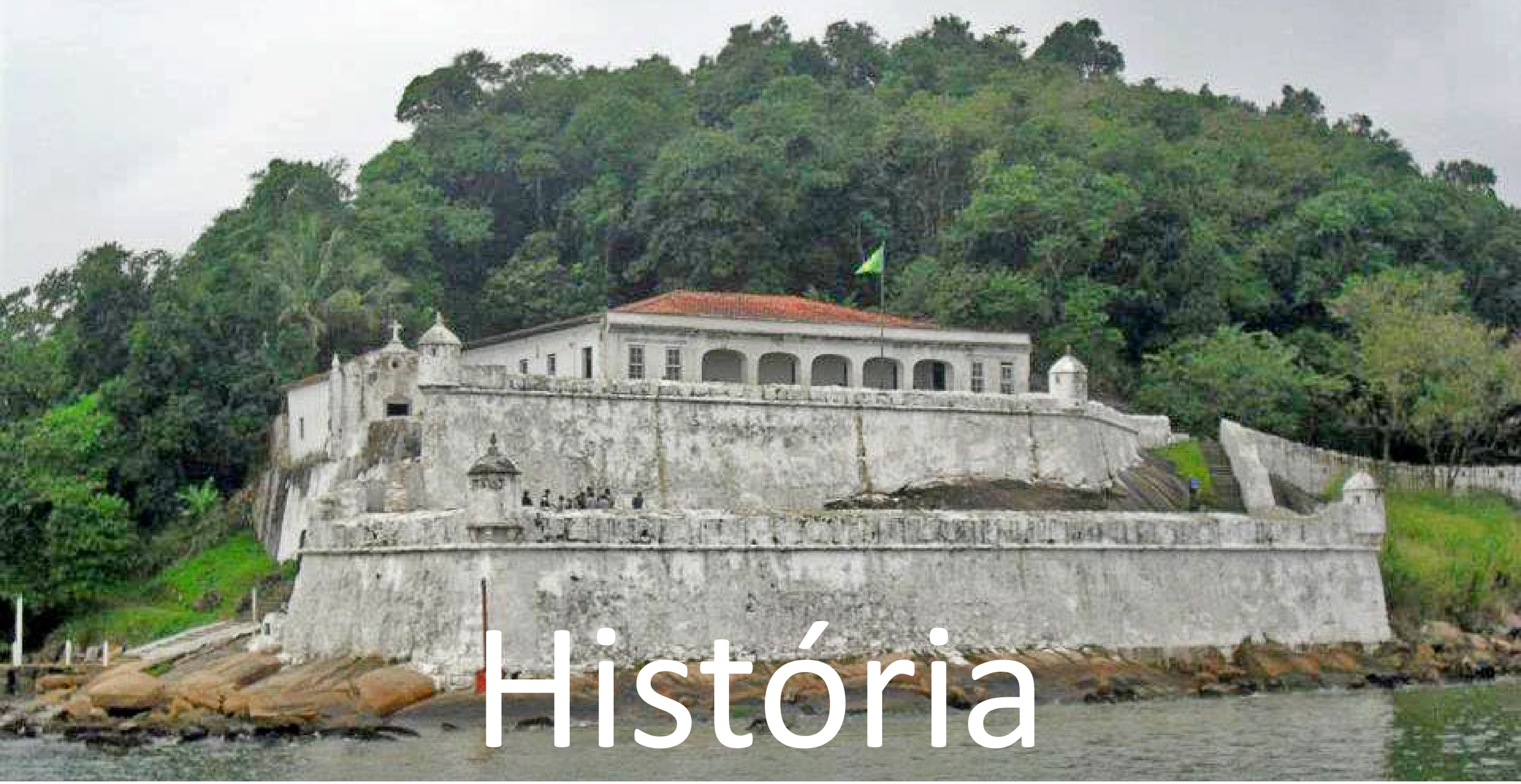
A turma do 7º ano volta a Santos com outros objetivos de estudo. Agora devem aprimorar sua capacidade de estudo para que este colabore com o aprendizado coletivo. Portanto, para responder à questão proposta no projeto *"Santos: porta aberta para quem e para onde?"* deverão ser capazes de identificar as etapas que caracterizam seu estudo nas diversas disciplinas, comparar e estabelecer relações de sentido entre dados, conteúdos e conceitos. A coleta de dados é bem mais complexa nesse campo em relação ao campo do 6º ano, assim como a posterior análise que se faz a partir dela.

Na disciplina de História, com o foco na colonização portuguesa na América, os alunos visitaram uma unidade produtiva (Engenho dos Erasmos), uma unidade de defesa (Fortaleza Santo Amaro da Barra Grande) e um local ocupado por um importante grupo indígena no período colonial, para entenderem os desafios da organização e controle desse território. Posteriormente compararam o que deduziram sobre a ocupação portuguesa com a visão retratada por Benedito Calixto nos painéis que estão na Bolsa do Café.

Já em Geografia, o estudo foi descobrir as relações comerciais que o Brasil estabelece com outros países através do Porto de Santos. A partir das observações dos navios, dos produtos transportados por eles e das anotações das bandeiras dos navios estrangeiros, foi possível analisar o que o Brasil importa e o que exporta para o mundo.

Finalmente, em Ciências, a partir do estudo das características e das classificações dos vegetais, eles puderam estudar o bioma da Mata Atlântica e pensar nas relações entre os diversos grupos vegetais.

Bom proveito!



História

A colonização da América portuguesa deu-se de diferentes formas, mas um de seus principais desafios era conciliar produtividade, controle do território e catequização. Em Santos, tendo como ponto de partida o porto como uma porta aberta, os alunos visitaram uma unidade de defesa do território, a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande para compreender sua importância na garantia do pacto colonial, e na defesa da principal unidade produtiva da região, o Engenho São Jorge dos Erasmos. A partir das visitas que fizemos em Santos e dos estudos posteriores realizados em sala de aula, os alunos escreveram textos que buscavam estabelecer as relações entre esses espaços, refletindo assim sobre a colonização como um processo amplo, que associa poder militar, produção mercantil e subjugação cultural.

Fortaleza
Santo Amaro da Barra Grande
V

A Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande foi construída em 1584, especialmente para manter o porto e a cidade protegidos das embarcações estrangeiras. Além disso, a fortaleza impedia que as invasões chegassem até o engenho.

"A fortaleza é geograficamente localizada a sudeste na ilha de Santo Amaro, entre a praia Góis e a praia da Santa Cruz dos Navegantes, batendo a Barra Grande, canal de acesso ao porto da Vila de Santos." [1] Foi um local perfeito para construir um forte, afinal, estava localizado em frente ao canal onde as embarcações estrangeiras percorriam para chegar ao porto de Santos. Assim, os soldados atacavam e impediam com mais facilidade os navios inimigos antes mesmo de chegarem ao porto. Além disso, a fortaleza não ficava em mar aberto, por isso os navios invasores não tinham como tomar muita distância da fortaleza para se defenderem, com o objetivo de não serem atingidos pelos canhões. E naquela época havia mais uma fortaleza em frente à Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, o que dificultava ainda mais a invasão do porto.

A Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande foi construída em um lugar onde, atrás dela, há um morro, o que não permitia que os estrangeiros invadissem a própria fortaleza por aquele lado, afinal, o morro estava coberto por vegetação não cultivada, e não havia nenhuma trilha marcada para se seguir até o forte. Os soldados estrangeiros podiam invadir a fortaleza pela frente, mas isso raramente acontecia, pois a parte da frente era muito bem protegida pelas muralhas.

Para uma boa defesa, na fortaleza eram utilizadas as muralhas (já apresentadas) e canhões. Foram construídas duas muralhas, uma em frente à outra. A mais próxima ao mar é ligeiramente mais baixa. As duas são bastante espessas, para que pudessem ter uma proteção qualificada. Atrás delas há um espaço onde ficavam os canhões. Havia diferença entre os ataques dos canhões que ficavam em cima e os que ficavam embaixo. Por estarem em alturas diferentes, conseguiam atacar em distâncias variadas. Na época os canhões eram a solução para a defesa do porto, engenho e a cidade.

Os canhões precisavam de pólvora, mas a pólvora não podia ficar armazenada em qualquer lugar; ela ficava escondida em uma "casa de pólvora", que se localizava entre a vegetação do morro. Para que a pólvora ficasse bem protegida, havia uma muralha em sua frente, também escondida pela vegetação. Provavelmente havia canhões na muralha para defender a pólvora ainda mais. A casa de pólvora tinha que manter uma certa distância do forte, pois se ela fosse atingida, causaria estragos nele.

As embarcações estrangeiras e inimigas podiam ser avistadas por soldados que ficavam em uma guarita, um espaço especial

para observar e garantir que não havia embarcações por perto. As guaritas foram construídas uma em cada extremidade das muralhas, a mais alta e a mais baixa.

O trabalho no forte era difícil, apenas homens ocupavam o cargo de soldados. Como os inimigos podiam invadir o forte durante o período noturno, os soldados revezavam entre si o trabalho, com turnos. Enquanto os soldados não estavam em seus turnos, eu suponho que eles eram liberados para descansar e se alimentar, apesar de estarem sempre atentos ao perigo.

Atrás da muralha mais alta tem uma construção onde, em minha opinião, os soldados se reuniam para estabelecer planos e ideias para atacar os inimigos. Acho que quando eles não estavam em seus turnos, ficavam abrigados ali por um tempo, talvez para descansar.

Ser soldado naquela época não devia ser nada simples. Além dos treinamentos, habilidades e condições físicas que deviam ter, suponho que eles não tinham muito tempo livre para ficar com suas famílias, amigos etc. Eles deviam ficar muito tempo na fortaleza, sempre prontos e atentos. O trabalho deles era muito importante para a segurança e proteção.

O forte era muitíssimo importante, e durante muito tempo foi investido dinheiro para que ele pudesse ter boas condições de defesa, afinal, sem a fortaleza, o porto e o engenho seriam atacados pelas embarcações estrangeiras, que furtariam as riquezas da cidade. Sem o investimento, a fortaleza não seria capaz de ter tamanha responsabilidade, e com isso, não haveria como se defender dos ataques, invasões e saques.

Letícia Meirelles Ruocco

O forte é grande e é dividido em dois andares. O primeiro andar tem um muro alto (a muralha) e nas pontas tem guaritas, tem pedras no fundo e antigamente havia canhões. No segundo andar tem um muro mais baixo e uma casa no fundo, que é grande e alta; há canhões na frente; ao lado da casa, uma capela. O segundo andar é bem mais alto.

A fortaleza está de frente para o mar, de costas para a mata e na ponta do canal. As muralhas são grossas e firmes, elas têm tamanhos diferentes porque, como a de cima estava a uma altura maior que a de baixo, esta não precisava ser tão alta. Os canhões ficavam em dois andares diferentes para atingirem diferentes distâncias. A maioria dos ataques era por causa do engenho ou do porto, muitas vezes eram feitos por piratas.

Ser um soldado no século XVI não era fácil. Quando não estavam sendo atacados, estavam planejando estratégias. Acho que eles deviam se sentir sob muita pressão; ter de ficar sempre alerta devia ser cansativo.

Gastou-se muito dinheiro com o forte, pois ele protegia o porto e o engenho, que davam muito dinheiro, já que o engenho produzia açúcar bruto e no porto se transportavam muitas mercadorias importantes.

Maria Beatriz Guimarães da Gam

A Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande está localizada na região sudoeste da Ilha de Santo Amaro, entre as praias do Góes e Santa Cruz dos Navegantes.

A estrutura dessa fortaleza é de concreto, pedras e algumas paredes são de óleo de baleia, que era feito com a gordura da própria baleia, conchas e areia.

Essa fortaleza está dividida em duas muralhas: a primeira que fica embaixo e a segunda fica em cima. Na segunda muralha havia, ao lado de uma casa – onde provavelmente os soldados ficavam – uma capela pequena para que os soldados pudessem frequentar. Do lado direito, uma trilha que levava até a casa de pólvora; os soldados utilizavam essa pólvora para os canhões. Essa casa de pólvora ficava longe do local onde havia canhões porque havia a possibilidade de os navios invasores atirarem e acertarem a pólvora e tudo explodir.

Na primeira muralha havia algumas guaritas, que eram lugares de onde os soldados observavam pelos buracos se estavam chegando invasores.

Na segunda muralha havia apenas dois canhões, e na primeira, nenhum. Mas havia marcas sem grama, o que podem ser marcas de possíveis canhões. Os canhões da segunda muralha ajudavam a atacar os inimigos que estavam mais próximos da muralha, mais do que os canhões da primeira, porque os canhões que estavam na muralha de baixo não inclinavam tanto; elas eram boas para atacarem os inimigos que estavam mais longe da fortaleza.

Com esse cotidiano, com ataques, como seria a vida de um soldado nessa fortaleza? O soldado teria de ter atenção, mesmo revezando com os outros soldados, pois quando eram avisados que havia invasores chegando, todos tinham que ir para seus devidos lugares; alguns iam buscar a pólvora e outros ficavam ao lado dos canhões. Com essa correria, eles provavelmente caçavam na mata que havia atrás da fortaleza, sempre com o máximo de cuidado.

Além da alimentação, do modo de agir em ataques, eles também frequentavam a capela, para pedir a Deus que os protegessem.

A fortaleza protegia a entrada da Vila de Santos, o porto e o engenho, pois eram locais muito ricos. Uma das coisas mais ricas e valiosas que Santos tinha era a plantação de cana-de-açúcar; e como os piratas iam roubar as mercadorias e as plantações de cana, a fortaleza estava justamente na entrada do canal (o chamado mar aberto), porque se quisessem invadir Santos, eles passariam pela fortaleza.

Thaís Ayumi Maezato

Engenho

São Jorge dos Erasmos

O Engenho de São Jorge dos Erasmos fica localizado no município de São Vicente (SP), encostado no morro Nova Cintra. Nele havia a casa do dono do engenho, a senzala (casa dos escravos), um engenho d'água, capela, casa da moenda (ou engenho), casa das fornalhas, casa dos cobres, casa de purgar e um pasto que levava aos canaviais.

Na casa da moenda, o açúcar era moído para a extração do caldo; na casa das fornalhas, o caldo era fervido e purificado em tachos de cobre; e na casa de purgar, o açúcar era branqueado.

Os índios trabalhavam no engenho, mas o trabalho era escravo.

Por ser o único engenho de São Vicente, o Engenho de São Jorge dos Erasmos era muito rico, e por ser muito rico, era assaltado várias vezes, mas as muralhas (de 800 metros de largura) o protegiam. Uma vez, os piratas holandeses conseguiram passar pelas muralhas e incendiaram o engenho, destruindo-o de vez. Ele nunca mais foi reconstruído.

O engenho se chama São Jorge dos Erasmos por causa de seu comprador (Erasmos Schetz de Antuérpia) e por causa de uma capela que existia no local (Capela de São Jorge), que deu o nome ao bairro. Mas antes disso, o engenho se chamava Engenho do Governador, pois ele foi fundado pelo governador de Santos, que se chamava Martim Afonso de Sousa. O engenho exportava açúcar para o continente de seu comprador (Europa), sendo os países para os quais ele exportava Portugal e Espanha.

Manuela Fonseca

O Engenho dos Erasmos foi construído por volta de 1534 e lá moravam a família Schetz e seus escravos, em Santos - SP - Brasil.

Mas antes, o engenho pertencia ao governador da cidade: Martim Afonso, em 1533. Nessa época o governador da capitania objetivava arrecadar recursos para levantar o dito engenho, que seria construído em 1534. Quando Martim Afonso viajou às Índias, a sociedade desfez-se, seus sócios negaram recursos para dar continuidade aos investimentos na manufatura açucareira. Em 1540, o engenho foi vendido para a família Erasmos Schetz, que em alguns anos tinha como patrimônio o engenho.

O engenho é construído com pedras empilhadas uma sobre a outra, fazendo um formato de uma casa, mas sem portas e janelas. Era como se tivesse dois andares cobertos por um grande telhado. Na parte mais baixa da casa tinha uma passagem. Nos dois lados dessa passagem há pequenas entradas altas onde não dá para um humano passar, então suponho que seja uma brechinha para o sol e ar. Não podemos esquecer as muralhas construídas com pedras grandes para proteger o local de invasões surpresas por motivo dos bens valiosos da família Schetz. Os bens que poderiam causar uma invasão eram os grandes sacos de café.

A área onde o engenho se encontra é coberta de grama e pedras (algumas, por serem tão grandes, podemos chamar de rochas). Essa grande terra que o engenho ocupa também dividia espaço com a nobre casa dos portugueses Schetz, o local onde os escravos dormiam e uma pequena capela.

Esse engenho produzia açúcar, da cana ao mascavo, do mascavo ao branco, conseguindo expandir o comércio para variadas cidades do Brasil, deixando a família mais rica, e dando mais motivos de atentados de roubo no engenho.

Vou contar como eu consigo imaginar o funcionamento de uma indústria no século XVI, incluindo a baixa tecnologia e o trabalho escravo. Os escravos tinham pouco tempo para comer, nunca poderiam ficar parados sem fazer nada, sempre (suponho) tinha uma construção para se levantar, não deixando os escravos com tempo livre. Deviam sempre levantar novas muralhas para ataques inimigos, sempre prevenidos.

Como ainda não existia a tecnologia avançada, as máquinas eram movidas a água e cada equipamento era feito de madeira. Não devia ser nada justo no século XVI o dinheiro conquistado por exportação e mais indústrias em outras cidades ir direto para o dono das indústrias, sem pagar toda a equipe de trabalho. Por isso o dono era visto como um nobre e era muito respeitado por ser o dono da maior parte do dinheiro de uma grande empresa que exporta para outros países, além de ter indústrias em diversas cidades.

A indústria funcionava com o milionário dono fazendo negócios, pensando onde instalar a fábrica, que local ajudaria para destacar a sua imagem e tornar suas indústrias espalhadas pelo mundo conhecidas.

Como esse engenho da família Schetz era o único de Santos, significava muita coisa: todo o povo mostrava a maior satisfação pelo engenho e pela família. Na época ninguém era louco de desrespeitar uma pessoa da família dona do primeiro engenho de Santos. Era extrema e exagerada a forma de se tratar a nobre família.

E o que o engenho tinha a ver com o porto? Muita coisa! O engenho precisava do porto para praticar as exportações para outros países e para recolher as importações.

Júlia Pontes Brasileiro e Silva

Quadro

“A Fundação da Vila de Santos”

O quadro “A Fundação da Vila de Santos”, pintado em 1889 por Benedito Calixto, contém personagens religiosos, portugueses, índios e nobres, todos juntos olhando para um homem em cima de um pelourinho, objeto usado para dar recados e para fazer punições, normalmente com chicote. No quadro, atrás de todos, há uma construção quase pronta que virá a ser o Mosteiro de Santa Catarina. Do lado esquerdo da construção está a Casa de Conselho, e do seu lado direito a capela de Santa Catarina e algumas casas.

Esse quadro retrata a fundação da Vila de Santos já dita no nome, no ano de 1545, 344 anos de diferença entre o ano do acontecimento e o ano em que ele foi pintado.

O quadro é uma interpretação de um momento importante na história do Brasil. As bordas do quadro são preenchidas por pássaros raros do Brasil e por café, um dos produtos que o país mais produzia e exportava e que nos trouxe muita riqueza.

Benedito Calixto quis mostrar a relação entre todas as classes e os portugueses, compartilhando sua cultura.

Benedito Calixto retrata uma relação falsa entre a população. Primeiro, os índios eram escravos, e escravos não eram considerados parte da população. Segundo, os nobres comandavam a partir da Europa, eles até podiam estar lá, mas não tão próximos do povo.

Marina Cartum

“Benedito Calixto reproduz um acontecimento importante do cotidiano santista. O painel é formado por três telas, a principal e duas laterais, têm pouco mais de 20 m² e foi elaborado na Bolsa do Café de Santos, hoje Museu do Café do Brasil, para representar a leitura pública do Foral de Elevação de Santos à condição de Vila em 1545”. [6]

Identificamos na pintura algumas construções, uma delas, na tela da esquerda (de quem observa) tem uma construção, com duas enormes bandeiras, chamada Casa de Conselho, que era símbolo do poder público.

Na tela da direita, têm algumas casinhas da Vila de Santos, provavelmente moradias dos “nobres”. Outra delas é branca e dá para ver que por dentro das “janelas” da construção há sinos, e sobre o telhado tem um crucifixo de madeira; esta construção tem as características de uma capela. No centro da imagem vemos um hospital, que parece ainda estar em construção. A ideia desta construção foi de Brás Cubas, e por volta de 1540 foi aprovada. Em cima da construção há bandeiras de diferentes lugares, difíceis de serem distinguidos.

Próximo ao hospital (que depois recebeu o nome de Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Todos os Santos) destaca-se o pelourinho. “O pelourinho era instrumento e símbolo da autoridade, edificação que servia para atar os desobedientes e criminosos, para o açoite ou o enforcamento”.[7]

A pintura não mostra apenas as construções da época, mas também quem vivia na Vila de Santos. Sobre o pelourinho, vemos um homem usando nobres vestimentas. Parece ter a atenção de todos os outros na Vila, é identificado como Brás Cubas, que “exerceu o cargo de Capitão-Mor da Vila de Santos entre 1545 e 1549 e, posteriormente, em 1555”.[6] Em volta do pelourinho e da “atração” (assim podemos dizer), identificamos os membros da pequena nobreza, e franciscanos. É possível identificá-los por suas vestimentas, roupas longas e brancas; um deles segura um “bastão” com um crucifixo na ponta, e os nobres com suas roupas elegantes. Ao lado deles observamos também

militares com suas armaduras e lanças. Além de tudo, sobre o pelourinho Brás Cubas lia uma carta, que provavelmente seria uma carta de foral: “a Carta de Foral regulava os direitos e deveres que o Capitão-donatário passava a ter em virtude da Carta de Doação recebida”.[8]

Próximo à Casa de Conselho tem alguns índios que trazem flores, que, em sua maioria, estão nus ou seminus. Do outro lado da pintura (próximo às moradias), outros índios; estes não parecem estar contentes com tantas mudanças a partir da chegada dos “diferentes” homens. Os índios que traziam flores eram índios Tupiniquins e Guaianases, os outros eram os índios Carijós.

Na tela da esquerda (de quem observa), em plano de fundo, é possível reparar que Benedito Calixto representou grandes navios, como se ali atrás fosse a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, e aquelas fossem as embarcações que tinham intenção de invadir o porto. Mas como a fortaleza foi construída por volta de 1584, e a fundação da Vila de Santos foi em 1545, isso nos leva a acreditar que aqueles navios podiam estar exportando ou importando produtos pelo porto de Santos.

Eu acho que além de representar a fundação da Vila de Santos, o quadro interpreta como os portugueses se relacionavam com os índios ao chegarem aqui. A pintura representa também os portugueses que estavam dando início à história que conhecemos do nosso país, compartilhando a cultura portuguesa, e organizando o Brasil de uma forma um pouco mais parecida com a de hoje em dia, ou seja, a fundação da Vila interferiu na história do Brasil: começaram os comércios, as plantações de cana para exportação, as vilas e outras coisas que antes da chegada dos portugueses não eram exercidas no Brasil.

A importância para o Brasil representada na pintura foram a chegada e a colonização dos portugueses na Vila de Santos. Com isso, os índios que viviam aqui antes dessa chegada, passaram a ter culturas diferentes, e aprenderam a construir uma

vila, moradias (diferentes de suas moradias antigas), portos e uma fortaleza. A vida desses moradores foi ficando cada vez mais parecida com a dos portugueses, sem deixar de ter as suas características.

O autor da pintura apresentou a fundação da Vila de Santos como um evento muito importante, o que realmente aconteceu. Ele apresentou escravidão, mas achei que a pintura não nos mostrou a dor que ela realmente pôde causar às famílias prejudicadas. Benedito Calixto também nos indica com sua pintura não só a importância da fundação da Vila para a história, ou a escravidão; ele nos mostra também como o cristianismo estava presente na cultura. Além disso, o quadro representa o Brasil de uma forma política, mostrando o novo projeto de Brás Cubas na Vila de Santos.

[6]http://www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao_cotidiano/cotidiano01.html
[7]http://www.museudocafe.com.br/calixto/quadro2.html#lm10
[8]http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_de_Foral

Letícia Meirelles Ruocco

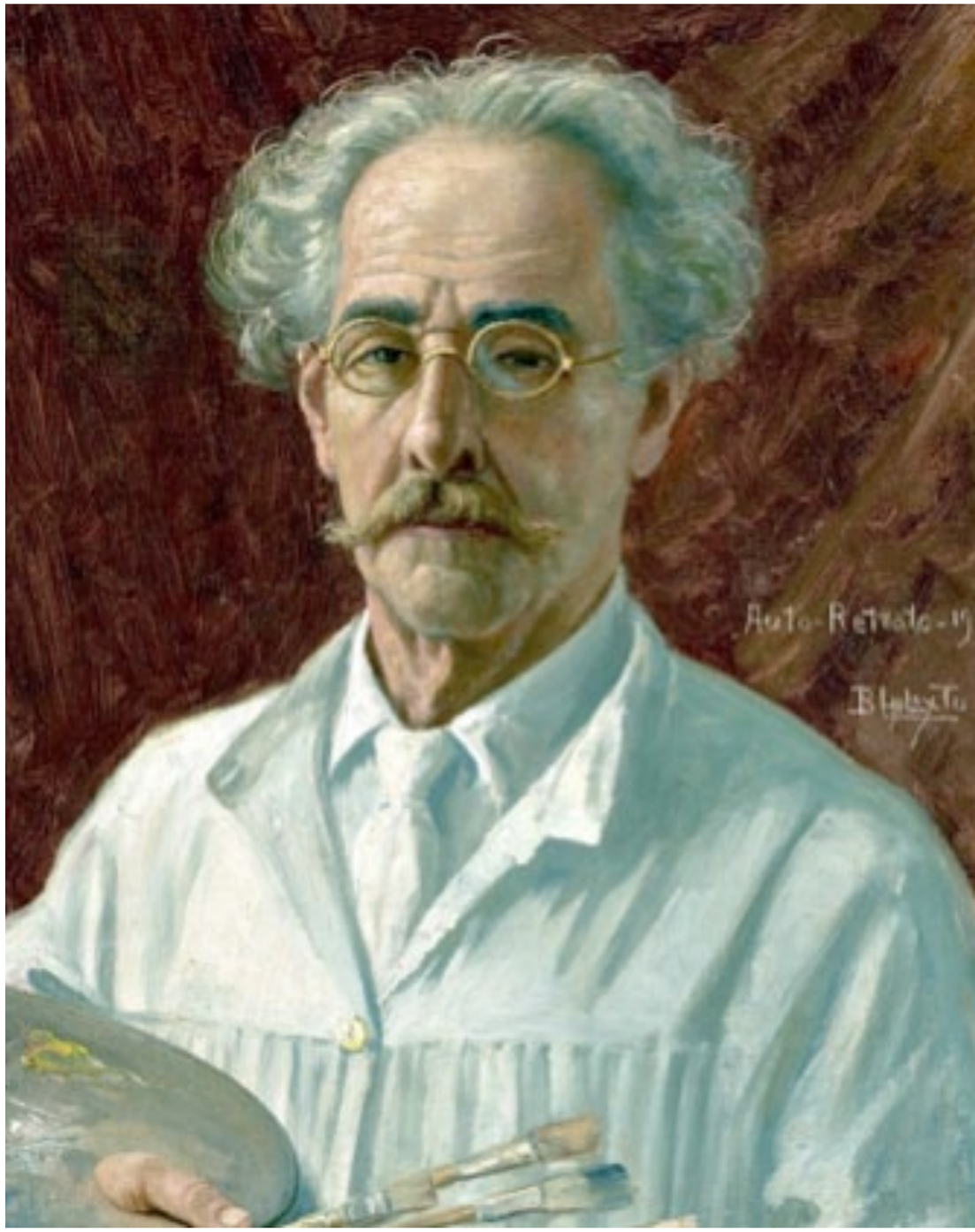
No meio da imagem há um tipo de construção, que é um hospital (Hospital da Santa Casa de Misericórdia), e ao seu lado, só que um pouco mais atrás, está a capela de Santa Catarina. A casa que está à esquerda da imagem com duas bandeiras é a casa do Conselho, e em suas escadas estão os homens bons. Um pouco à frente da construção há um homem, Brás Cubas, com pelos faciais, cabelo longo preso em "rabo de cavalo", vestimentas bonitas, uma capa comprida, botas (roupas de nobre). Ele está lendo um papel. Em volta do pelourinho há muitas pessoas que estão ouvindo o homem que está no pelourinho. Em sua frente há vários padres com suas vestimentas brancas e longas e seus chapéus, e um deles com um grande crucifixo; logo atrás dos padres vêm os nobres com suas vestimentas diferentes de todos, capas compridas, vestidos, panos no cabelo, botas, roupas de veludo. Atrás de Brás Cubas tem índios (Tupiniquins e Guaianases) colocando seus vasos de flores nos degraus do pelourinho; todos os índios com suas roupas curtas, cabelos longos e quase nus. O povoado da Vila de Santos está à direita da imagem, só que mais em segundo plano, do lado das árvores, e, à direita ainda, há um militar com sua espada, capacete e vestimentas, e, atrás dele, há os índios Carijós. Exatamente atrás do pelourinho, um pouco em segundo plano, estão os militares, lanceiros e albardeiros. Atrás de todas as casas está o porto, ainda com os barcos antigos.

É a inauguração da Vila de Santos. E percebe-se que estão todos de acordo com a inauguração.

O quadro possui uma interpretação sobre a história do Brasil, que é a da fundação da Vila de Santos, e Benedito Calixto interpreta que, com a fundação de Santos, todos estão felizes (tranquilos), mas na verdade não sabemos quem está bravo e quem está feliz; historiadores da USP têm hipóteses de que os índios Carijós estão bravos por ainda serem escravos, e porque os portugueses estariam roubando a terra deles, e Benedito Calixto acredita que todos estavam felizes. E quis demonstrar também que naquela época os camponeses não tinham muito espaço na sociedade e por isso na imagem estão em segundo plano.

Aliás, ele (Calixto) fez o quadro 377 anos depois da fundação da Vila.

Danilo Luiz Totaro Fernandes



Benedito Calixto

Museu do Café de Santos

No quadro "A Fundação da Vila de Santos" há elementos importantes como: pessoas de diferentes classes sociais – guarda militar, nobres, padres, camponeses e índios.

Construções e elementos grandes na imagem – ao centro, um pelourinho, um pouco mais atrás uma construção parecida com um minicastelo ainda inacabado, sobre o teto existem várias bandeiras coloridas, porém seus desenhos são difíceis de se distinguir. Um pouco mais atrás há uma capela, uma casa (do lado direito do minicastelo) e uma outra casa (do lado esquerdo).

Em primeiro plano está um dos nobres em cima do pelourinho, lendo um papel; em segundo plano temos alguns índios carregando flores para entregar ao homem no pelourinho e alguns guardas; e em terceiro plano, vários camponeses e índios e, é claro, as construções.

Ao ver o quadro, imagino que o que Benedito Calixto representou foi algo visto em livros, contos e histórias sobre aquele tempo. Na imagem são retratados índios felizes com a fundação desta vila, mas acredito que isso não tenha acontecido de verdade. Os portugueses invadiam suas terras, fundavam vilas e cidades, extorquiam as riquezas naturais do lugar, escravizavam os índios, que ainda eram obrigados a se converterem a uma religião desconhecida. Provavelmente quando chegaram a ponto de construir a Vila de Santos, os índios não eram a favor.

Beatriz A. Puyol

V

Relações

entre o forte, o engenho e o porto de Santos

O porto, o engenho e o forte tinham ligação direta. O porto exportava o açúcar que era produzido no engenho. Era a única maneira de o açúcar sair do Brasil para ser futuramente refinado. O forte protegia o porto também, mas principalmente o engenho, que era maior fonte de renda presente em Santos.

O porto era o local onde se desembarcavam as pessoas que queriam ter acesso a Santos, principalmente portugueses, negros escravizados, entre outros viajantes que desejavam comprar suprimentos.

O engenho era como uma indústria daquela época, pois ganhava muito dinheiro com a venda do açúcar, que era mandado principalmente para a Holanda pelo porto para ser refinado, ou seja, tinha muita proteção pelo forte.

O porto e o engenho mantinham uma importante parceria comercial, pois era a única maneira que o engenho tinha de enviar o açúcar que era produzido. O forte, também, matinha obrigatoriamente uma parceria, pois fazia a proteção do porto em relação aos piratas etc.

O porto corria grandes riscos de ser atacado por piratas, que tinham interesse de saquear os viajantes que ali paravam para comprar mantimentos. Também havia casos em que os índios presentes aqui no Brasil atacavam o forte para mostrar serem contra a entrada de portugueses em suas terras.

O forte foi a principal maneira de solucionar esses problemas, pois lutava contra os piratas que desejavam saquear Santos. Já os piratas que atacavam, acredito que acabavam perdendo, pois não tinham as mesmas armas, técnicas, número de homens etc.

Luiza Ferreira Pires da Costa

O engenho, o porto e o forte se relacionavam comercialmente, com a ajuda uns dos outros, obtendo mais lucro e com mais facilidade.

Os donos do engenho queriam manter a circulação do açúcar brasileiro para a Europa, pois os europeus não tinham todos os recursos necessários para isso, afinal, a produção de açúcar era rara, o que tornou a venda do nosso açúcar alta e fácil. Com a exportação do açúcar para a Europa, o engenho iniciou uma relação com o porto de Santos. Os europeus marcaram a história do Brasil, não só pelo fato de o terem colonizado, mas também por terem sido os principais parceiros comerciais do porto de Santos (por conta do açúcar comercializado).

O porto, além de se relacionar com o engenho, precisava de proteção, pois corria perigo de ser invadido por grandiosas embarcações estrangeiras. Elas vinham para saquear o porto, pois lucrava-se muito com seu uso. A resolução deste problema foi a construção da Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, que defendia o porto das invasões estrangeiras, atacando suas embarcações no percurso de chegada ao porto. A fortaleza protegia o porto assim como o engenho, pois ele também podia ser invadido por piratas.

Com a pintura de Benedito Calixto, observamos que na época, a Vila era habitada pelos portugueses e os escravos, que podiam ser índios ou africanos. Os portugueses podiam ser franciscanos: com roupas longas e brancas; nobres: roupas elegantes com bastante volume e cores vivas; militares: com armaduras e lanças. Ou então podiam ser capitães da Vila, assim como Brás Cubas, que “exerceu o cargo de Capitão-Mor da Vila de Santos entre 1545 e 1549 e, posteriormente, em 1555”.[6] Os índios que viviam na Vila de Santos podiam ser os Tupiniquins, Guaianases ou Carijós.

[6]http://www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao_cotidiano/cotidiano01.html

Letícia Meirelles Ruocco

Toda a Vila de Santos (pelo menos a maioria) se relacionava muito bem, pois ela era muito funcional. Nessa época, as prioridades eram a Vila em si, o Engenho de São Jorge dos Erasmos e o porto. Mais tarde vieram outras estruturas, mas essas foram as principais por um longo período, pode se dizer que o mais importante.

Todos eles precisavam de defesa e muita proteção contra os ataques e saques bastante comuns na época. Por isso, em 1584, foi construída a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande. Sempre que algum perigo se aproximava, o forte era a grande defesa, em especial para o rico porto de Santos. Apesar de a Europa ser seu maior parceiro comercial da época, principalmente Portugal e Espanha, eram os europeus que mais faziam tentativas de saques e ataques.

Defesa a todo custo

O porto só foi erguido em fevereiro de 1892, mas a partir de então, tornou-se uma das coisas mais importantes de todos os tempos para a Vila. O engenho pode se dizer que era o que melhor se relacionava com ele, pois tudo produzido lá ia para o porto. O açúcar era o produto mais exportado pela Vila de Santos. Alguns ataques também foram repelidos no engenho por trabalhadores que usaram as muralhas e seteiras para ganhar vantagem sobre os holandeses.

O Grande realizador

Brás Cubas foi uma das pessoas mais importantes para a Vila. Ele fundou-a, ergueu também o forte, uma capela, um hospital, o porto e ainda mudou a posição dele. Apena o engenho não está nesta lista, pois foi erguido por Martim Afonso, governador. Já foi o maior dono de terras na Baixada Santista. Chegou ao Brasil em 1531 com a expedição de Martim Afonso de Sousa, fundador da Vila de São Vicente. Em 1536, recebeu sesmarias na recém-formada capitania de São Vicente e, a partir de então, realizou todas essas estruturas na região.

João Antonio Araium Alves

Geografia

De porto a porto

Dentre as atividades realizadas após retornarmos de Santos, recebe destaque o trabalho de pesquisa sobre as relações comerciais entre o Brasil e diferentes países. Essa proposta teve como objetivo que os alunos investigassem as principais trocas realizadas entre o porto de Santos e um porto escolhido por cada dupla ou trio de trabalho.

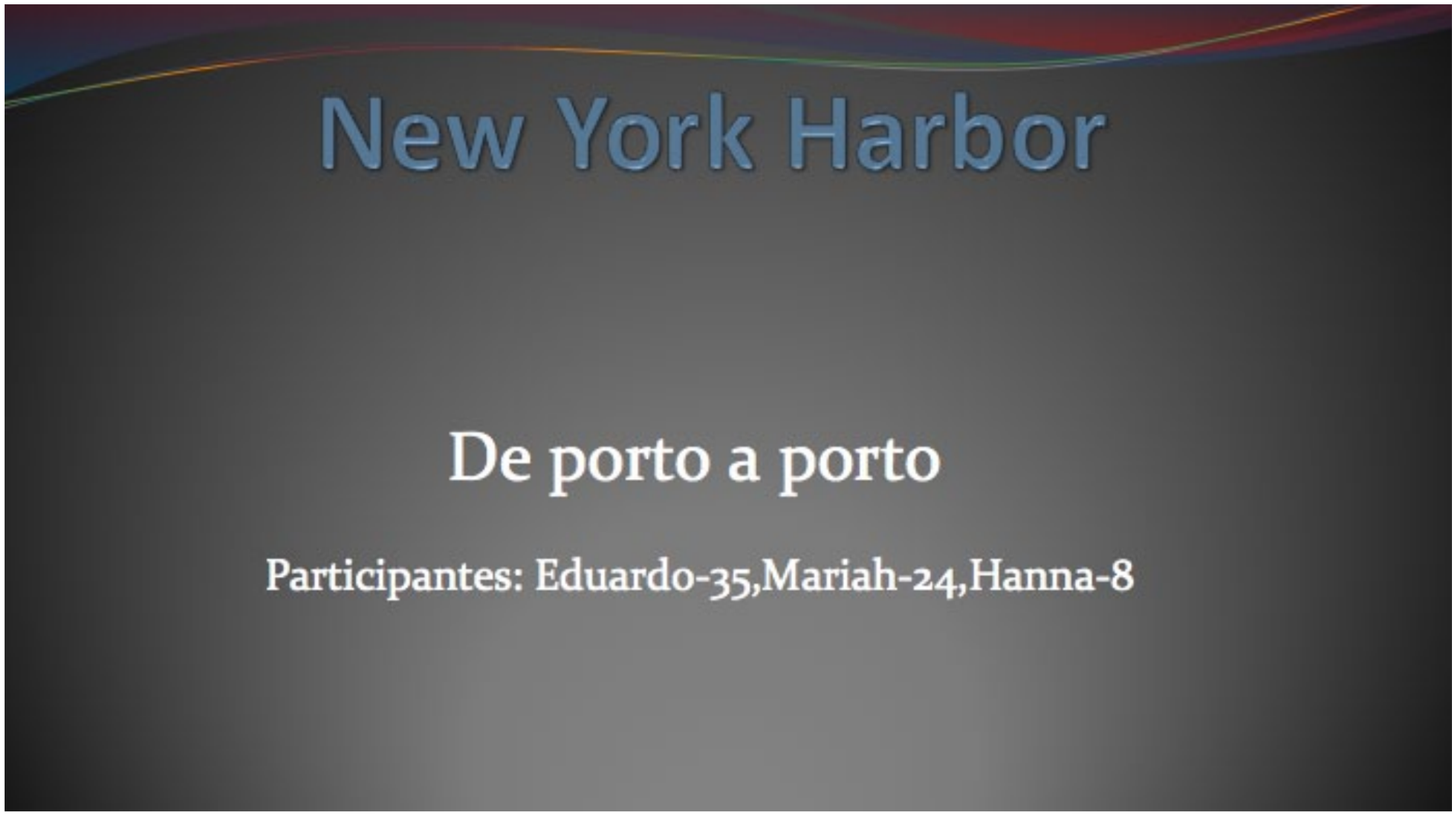
O critério utilizado para a escolha do porto pesquisado foi a observação das bandeiras dos diferentes países vistas nos navios no canal do porto de Santos durante o trabalho de campo. Após listarmos uma série de países, nossos alunos escolheram aquele que mais lhes interessava e iniciaram a pesquisa.

Ilana, Manuela e **Raul**

POWER POINT

Nova Iorque

Euduardo, Mariah e **Hanna**



POWER POINT

Saint Jhon

Rafaela K, Thaís A e **Victor S**

POWER POINT

Rotterdam

Guilherme, Maria Beatriz e **Luiza**

Isadora Grim, João Araium e Júlia Brasileiro

Caike Tunis Tapie, Marina Cartum e **Verônica Vicentini Ferreira**

Ana Delfino, Letícia Ruocco e Théo Carvalho

POWER POINT

LIBÉRIA

Jennifer, João Prado e Maria Clara

Luna Birelli e **Marc Libeskind**

De Porto a Porto

Porto de Cingapura

Bandeira da Cingapura

Brasão da Cingapura

Grupo 6: Luna Birelli nº 18
Marc Libeskind nº 20

Luara, Maria e Nilo

Clara Malavasi e Rubi Assumpção

POWER POINT

HONG-KONG

Beatriz, Danilo e Iris

Variedade de plantas (desenho de Hanna Kilsztajn)

Ciências

Durante o ano de 2014, os alunos do 7º ano realizaram estudos no campo da Biologia. Trabalharam em sala de aula, no laboratório e na horta da escola para realizar observações experimentais, formular hipóteses, produzir registros e correlacionar os mesmos com os conhecimentos teóricos estudados.

Inseridas neste contexto, as atividades realizadas na Mata Atlântica durante o trabalho de campo na Baixada Santista geraram questões e registros e contribuíram para os estudos biológicos.

Os textos e desenhos apresentados a seguir constituem exemplos representativos de aprendizados incorporados ao final de todo esse processo.

Trilha do Parque Perequê (desenho de Rafaela Klein)

Procedimentos

No trabalho de campo observamos várias plantas de muitos tipos. Desenhamos e identificamos as plantas e seus grupos. Também coletamos musgos ("briófitas") para observar no laboratório em São Paulo.

Luna Birelli Vicente

No trabalho de campo foram tiradas fotos e cada grupo de alunos ficou encarregado de desenhar uma parte da trilha que fizemos no Parque Perequê. Cada membro de cada grupo ficou encarregado de desenhar um lugar diferente.

Luara Cavalheiro do Nascimento

Linha de seleção de trecho da mata para análise (desenho de Maria Piedade)

Plantas Terrestres

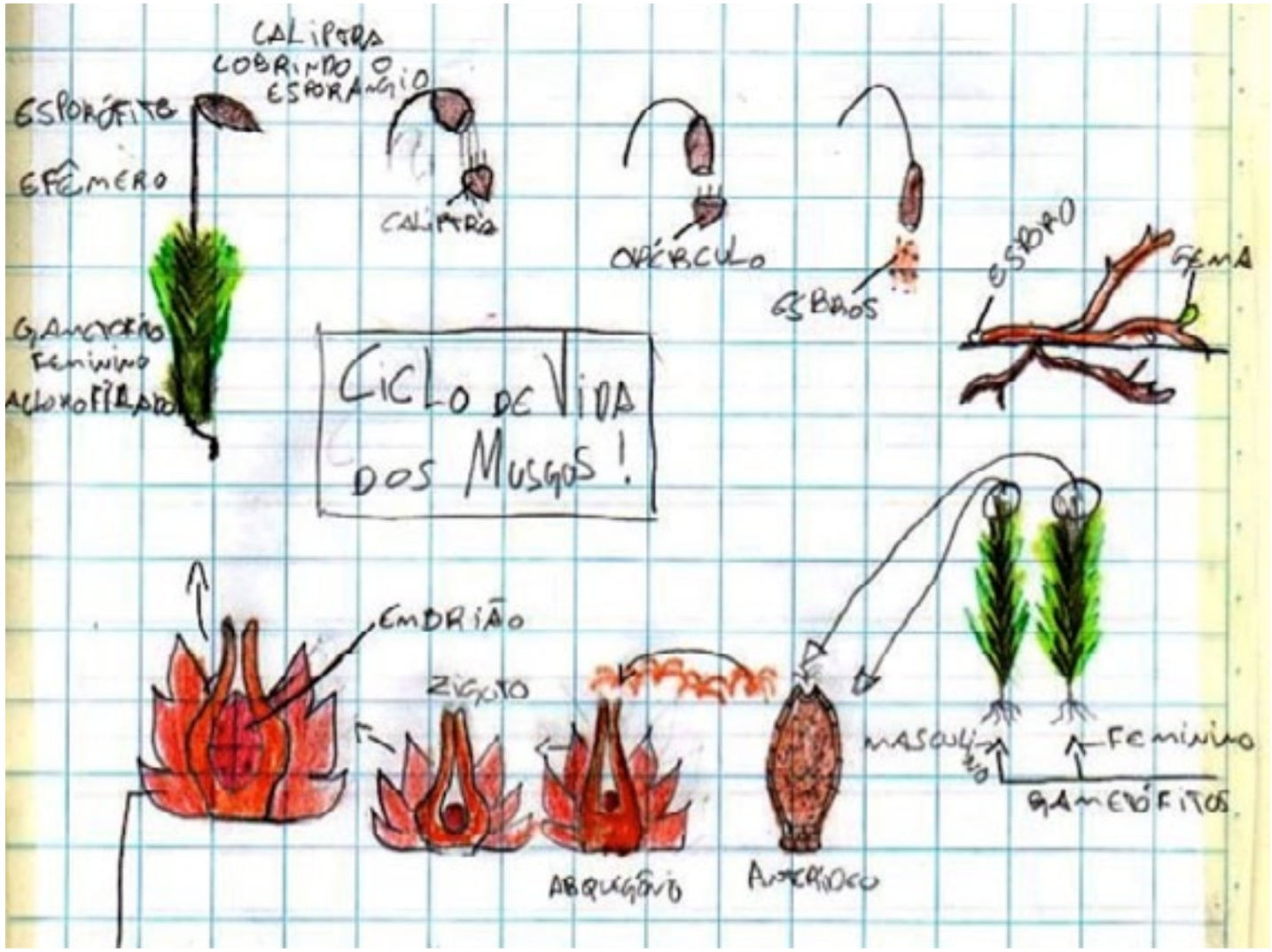
As plantas terrestres existem há mais de 500 milhões de anos. Há 420 milhões de anos, as plantas com vasos condutores (“pteridófitas”, “gimnospermas” e “angiospermas”) surgiram.

Luna Birelli Vicente

V

Briófitas

Pedra com musgo (desenho de João Antonio Araium Alves)

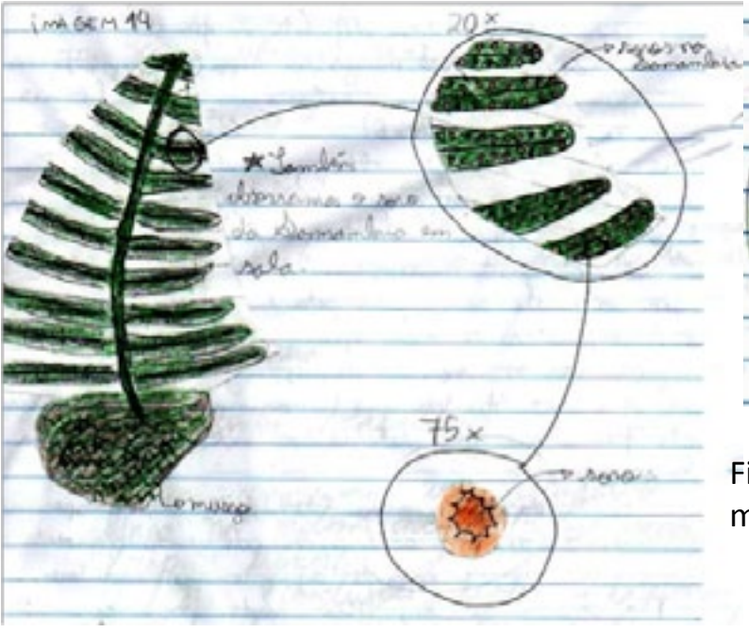


Ciclo de vida de uma “briófita” (desenho de Rubi Alves e Assumpção).

As “briófitas” são descendentes das algas verdes. Elas não possuem raízes nem caules, fazem reprodução sexuada e assexuada. Elas gostam de lugares úmidos, sem muito sol, e adoram crescer sobre árvores.

Seu porte é pequeno, pois não possuem vasos condutores de nutrientes. Assim é mais difícil transportar seiva pelo organismo.

Isadora Grimm Zamboni



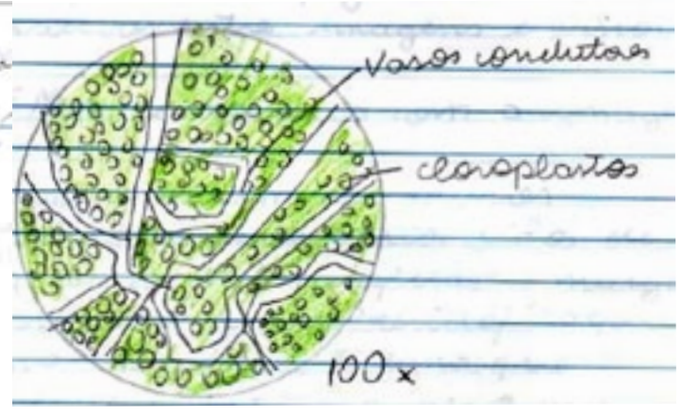
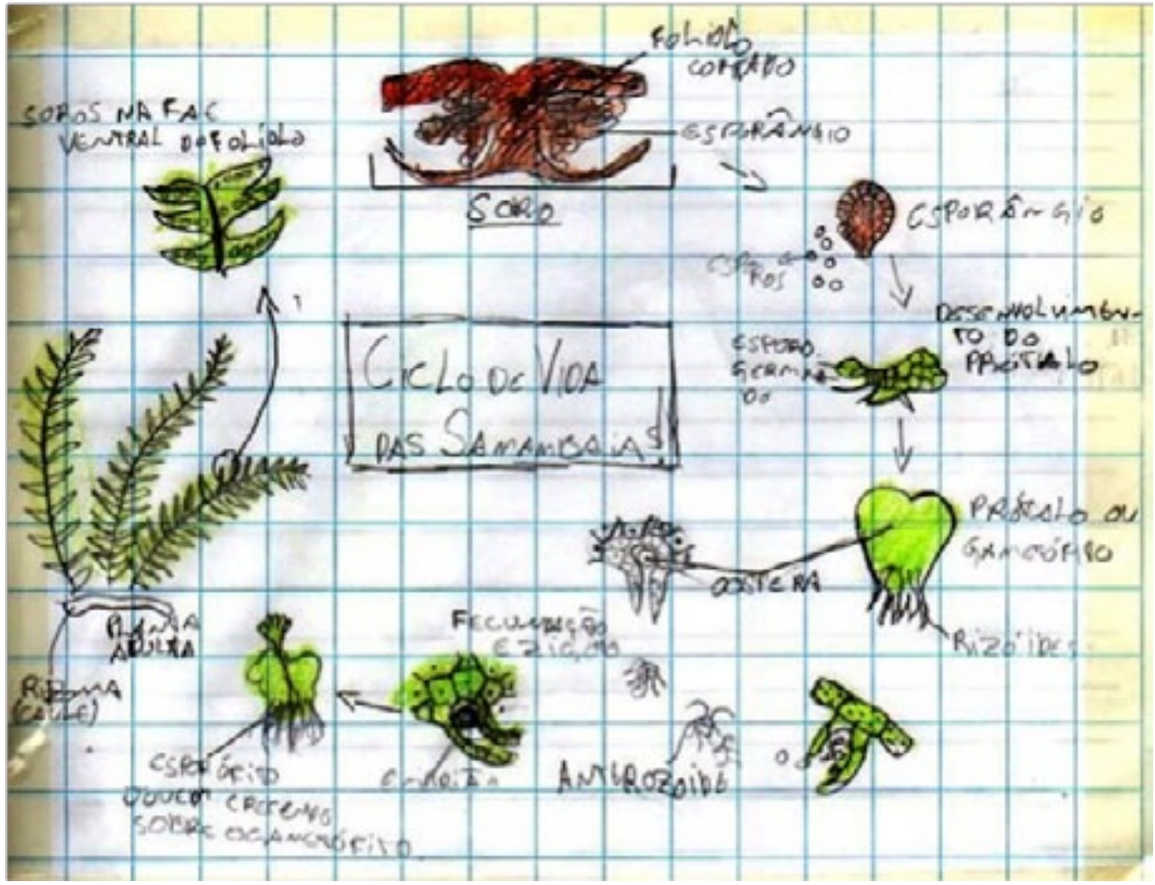


Figura de uma folha de “pteridófita” vista no microscópio (desenho de Victor Saito Forti)

“Pteridófita” fotografada da trilha do Parque Perequê (desenho de Júlia Pontes Brasileiro e Silva)



Ciclo de vida de uma “pteridófita” (desenho de Rubi Alves e Assumpção)

Pteridófitas

As “pteridófitas” foram os primeiros vegetais a apresentar um sistema de vasos condutores de nutrientes. Atualmente, as “pteridófitas” são muito procuradas pelo seu valor ornamental. Muitas pessoas colocam em seus jardins samambaias e outras “pteridófitas”, como as avencas.

Manuela Fonseca Ferreira

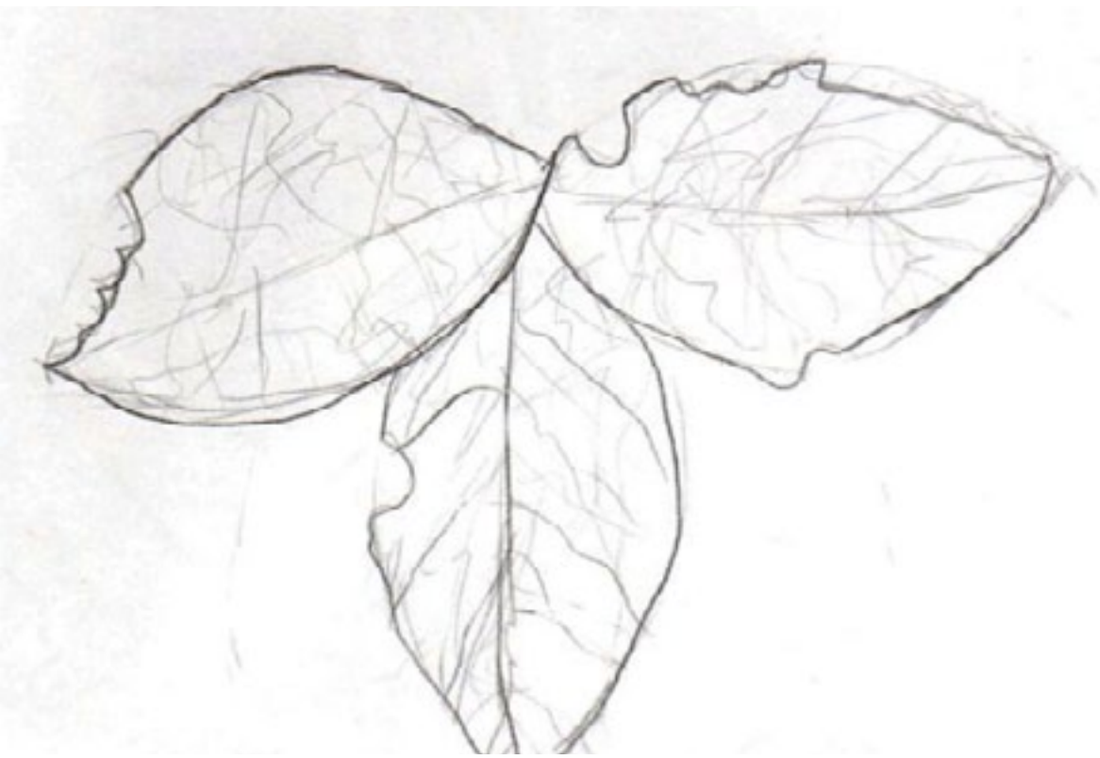
“Pteridófita” (desenho de Raul Almeida Germano)

“Angiospermas” (desenho de Ana Delfino)

Gimnospermas

O grupo das “gimnospermas” apresenta as maiores árvores do mundo. Elas apresentam raízes, vasos condutores, pólen e sementes nuas.

Luna Birelli Vicente



“Angiosperma” (desenho de Ilana Royzen Fisch)

Angiospermas

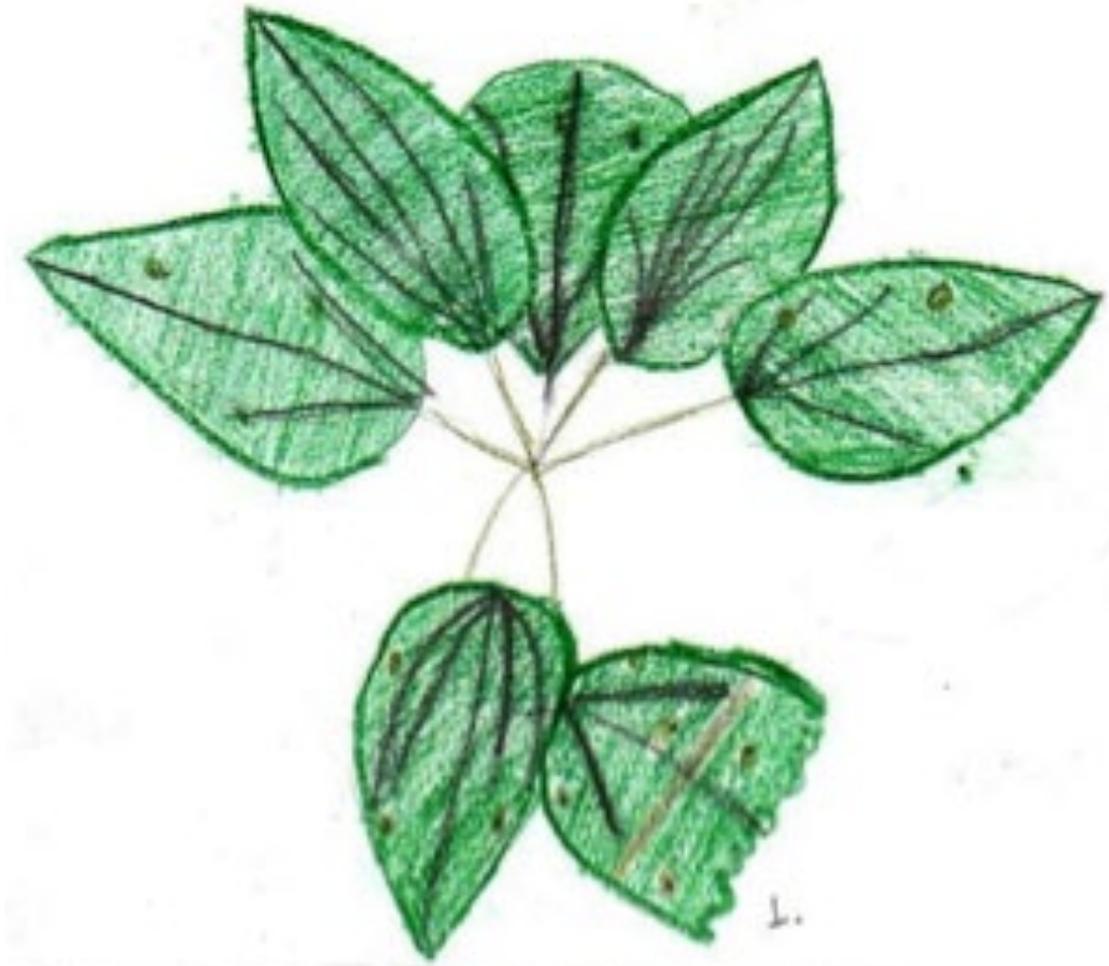
O grupo das “angiospermas” apresenta grandes árvores frutíferas e com flores, pequenas plantas e plantas rasteiras. As “angiospermas” possuem mais variedade de plantas que qualquer outro grupo, pois apresentam uma vantagem que se baseia na reprodução através do grão de pólen. O grão de pólen é uma vantagem, pois insetos e outros animais ajudam na reprodução. Eles carregam o pólen de uma flor e levam até outra flor, assim acontecendo o encontro dos gametas (fecundação).

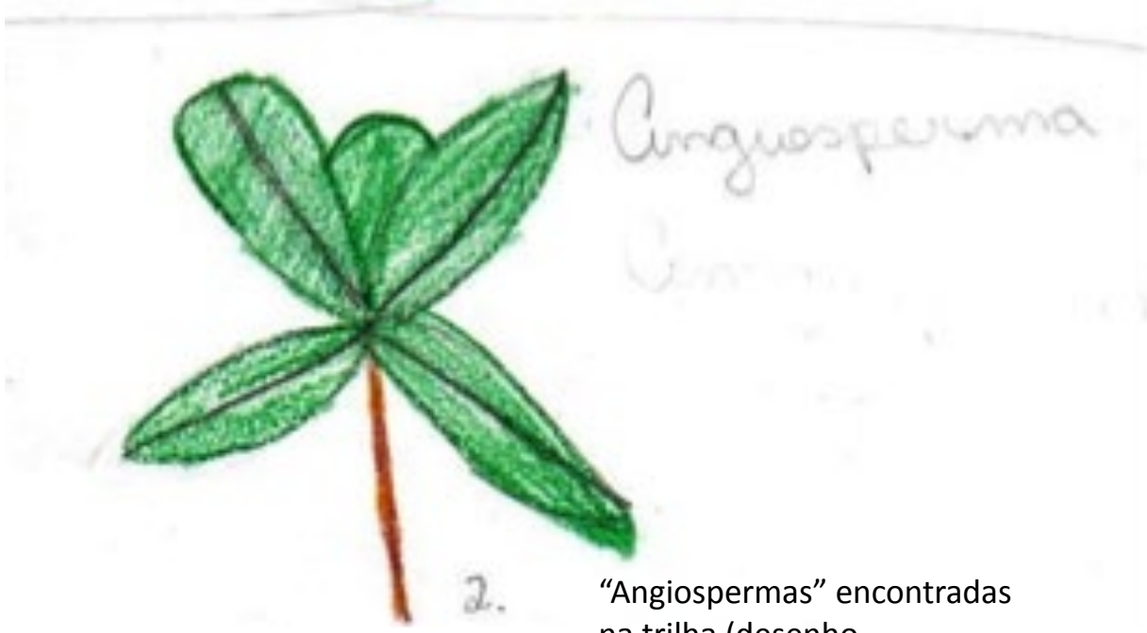
Luna Birelli Vicente

“Angiospermas” (desenho de Letícia Meireles Ruocco)

Como as “angiospermas” possuem sementes, o embrião não depende dos nutrientes advindos do “gametófito”, como em “briófitas” e “pteridófitas”. O embrião se desenvolve utilizando os nutrientes presentes na semente.

Théo Cardoso Teixeira de Carvalho





“Angiospermas” encontradas na trilha (desenho de Jennifer Nascimento)

Vasos Condutores

Acho que um dos resultados mais importantes que obtive foi descobrir o que é um vaso condutor de nutrientes. Ao longo deste processo, aprendi o que são os tão famosos vasos condutores que tantas plantas possuem:

Vasos condutores são tecidos vasculares que realizam o transporte de seiva nos organismos vegetais.

Eles são responsáveis pelo transporte de água, sais minerais e líquidos nutritivos nas plantas. São denominados “xilema” e “floema”.

O “xilema” é responsável pelo transporte de água e sais minerais (seiva bruta), enquanto o “floema” é responsável pelo transporte da seiva elaborada, rica em açúcares. (adaptado de FREITAS, André, Ecologia e Meio Ambiente)

Maria Clara Peña Barbosa Pereira

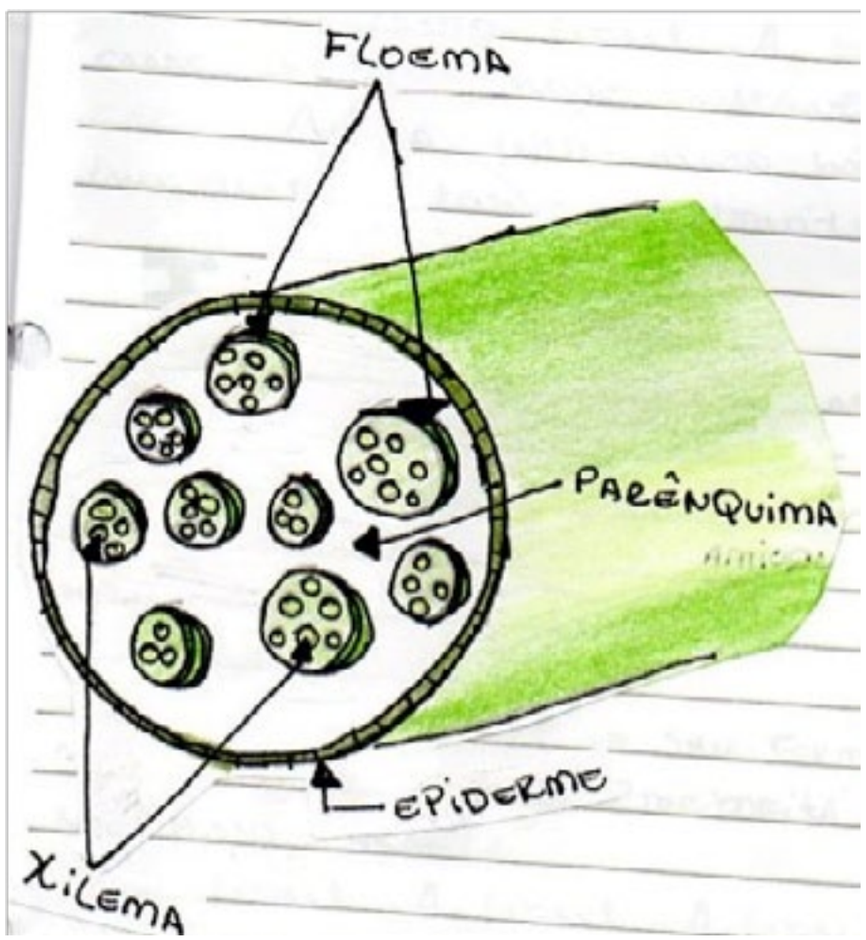


Imagem por Maria Clara Peña Barbosa Pereira.

“Angiosperma” encontrada na trilha com vasos condutores em evidência (desenho de Danilo Luiz Totaro Fernandes)

Análise de trecho da trilha

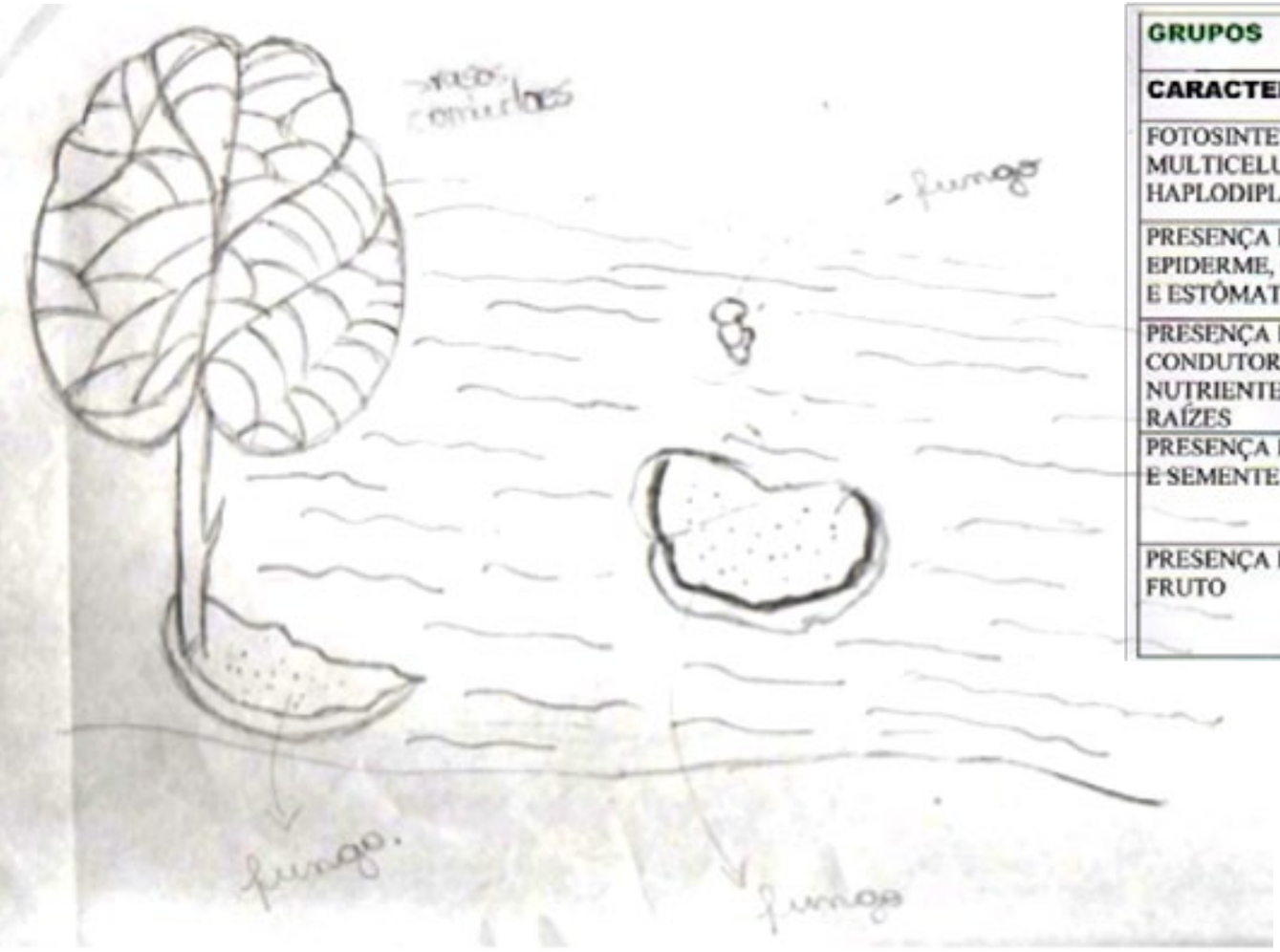
Na imagem é possível avistar a “serapilheira” e uma grande diversidade de “pteridófitas”, com fungos de menor porte, quase invisíveis a olho nu.

Guilherme Yudi Segatelli Tanabe

Linha de seleção de trecho da mata para análise (desenho de Caike Tunis Tapie)

Linha de seleção de trecho da mata para análise (desenho de João Antônio R da Silva Prado)

Tabela com características dos grupos de plantas:



GRUPOS / CARACTERÍSTICAS	"ALGAS VERDES"	"BRIÓFITAS"	"PTERIDOFITAS"	"GIMNOSPERMAS"	ANGIOSPERMAS
FOTOSINTETIZANTES MULTICELULARES HAPLODIPLOBIONTE	✓	✓	✓	✓	✓
PRESENÇA DE EPIDERME, CUTÍCULA E ESTÔMATO.	✗	✓	✓	✓	✓
PRESENÇA DE VASOS CONDUTORES DE NUTRIENTES E RAÍZES	✗	✗	✓	✓	✓
PRESENÇA DE POLÉN E SEMENTE	✗	✗	✗	✓	✓
PRESENÇA DE FLOR E FRUTO	✗	✗	✗	✗	✓

Maria Clara Peña Barbosa Pereira

Variedade de seres em um tronco caído (desenho de Thaís Ayumi Maezato)

Conclusão

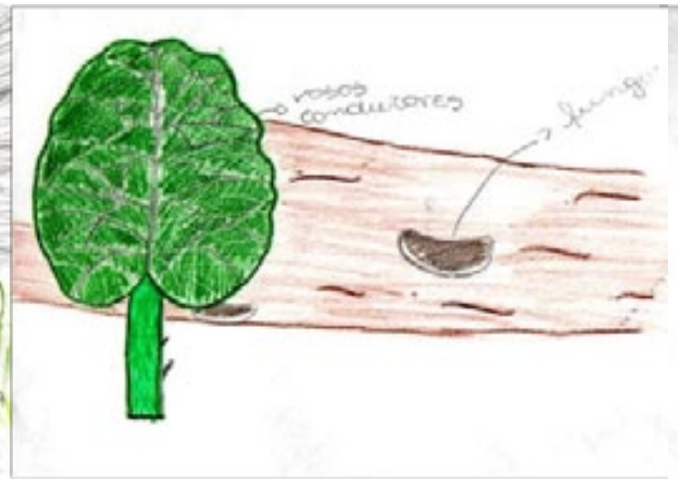
A trilha do Parque Perequê com sua diversidade grande de plantas fez com que nós entrássemos no caminho da história das plantas. A partir disso nos perguntamos coisas como: “Como uma planta pode ter vida?”.
Passamos mais de um mês estudando mais e mais até entendermos completamente o assunto. Mesmo sabendo bastante, nós nunca sabemos tudo.

Aprendemos que mesmo tendo várias plantas de aparências parecidas, nenhuma planta é igual à outra e todas elas têm suas vantagens, desvantagens e suas artimanhas para sobreviverem e prosperarem com suas espécies.

Iris Rocha Castanho

Variedade de plantas encontradas na trilha (desenho de Verônica Vicentini Ferreira)

Variedade de plantas (desenho de Eduardo Baltazar)



Variedade de seres em um tronco caído (desenho de Mariah Couri)

Diversidade de espécies no Parque Perequê (desenho de Nilo Cooke)

Projetos

No curso de Projetos, o desafio proposto aos alunos no retorno do trabalho de campo foi analisar as entrevistas realizadas com transeuntes em Santos. Discutimos a importância dos dados coletados como fonte de pesquisa para nos auxiliar a compreender melhor a opinião dos moradores sobre a cidade, bem como as relações do porto de Santos com a população local.

O questionário aplicado nas entrevistas foi elaborado previamente pelos alunos e continha questões abertas e fechadas. Sendo assim, realizamos diferentes tipos de análise para as respostas obtivas em campo.

Para tabular as respostas consideradas de análise quantitativa os alunos criaram gráficos no Excel. Para as respostas das questões abertas, optamos por uma análise qualitativa a partir de critérios estabelecidos pelos alunos para problematizar as informações fornecidas pelos entrevistados. Escolhemos quatro questões significativas para a análise qualitativa e esta escolha teve como objetivo priorizar as respostas que subsidiassem a reflexão dos alunos acerca da pergunta problematizadora do trabalho de campo – Santos: portas abertas para quem e para onde?.

Como síntese para o desafio proposto, nossos alunos escreveram um texto relacionando as entrevistas e suas análises qualitativas, bem como os seminários realizados na disciplina de Geografia e a opinião pessoal de cada um para responder a questão do trabalho de campo.

A seguir divulgamos os textos de seis alunos escolhidos pela classe para melhor representar o processo vivido por todos ao longo deste semestre.

Este ano, fizemos uma viagem à cidade de Santos, com o objetivo de entendermos a história da cidade e analisá-la. Nosso principal objetivo era responder a pergunta proposta para o trabalho de campo, nos baseando em todas as informações que coletamos durante a viagem. Estes dados são, por exemplo, a relação da cidade com o porto, informações e fontes históricas. A pergunta que será respondida neste texto é Santos: portas abertas para quem e para onde?

Uma de nossas primeiras análises de dados sobre Santos foi realizada nas aulas de Projetos, em que criamos hipóteses sobre os produtos exportados e importados pelo porto. Nossos resultados foram que os exportados seriam café em primeiro lugar e os importados seriam eletrônicos em primeiro lugar.

Estes resultados têm relação com o que estudamos em História do Brasil de antigamente, quando o café era o produto mais exportado por nosso país. Sobre os importados, pesou em nossas hipóteses a presença dos produtos em nossa vida, destacando-se principalmente os produtos eletrônicos que utilizamos em nosso dia a dia que são de origem estrangeira. O mesmo foi feito com os nossos entrevistados, que também apontaram o café como um dos principais produtos exportados, o que mostra que esta ideia é praticamente um senso comum entre nós.

Depois que retornamos de Santos fizemos uma pesquisa sobre algum dos portos de países de que vimos bandeiras no canal do porto. Essa pesquisa incluía sabermos mais sobre a história dos portos que têm relação comercial com o porto de Santos. Descobrimos informações como, por exemplo, que Santos exporta equipamentos de transportes para Nova Iorque. E ainda que o Brasil tem forte parceria com o Japão.

Foram apresentados muitos outros dados sobre diversos portos do exterior que mantêm relações comerciais com o porto de Santos.

Depois de voltarmos de Santos lemos também uma notícia que apontava que a população de Santos tem pouca informação sobre o porto, algo que nossos entrevistados também demonstraram. Concluímos que a população não tem acesso às informações sobre o porto.

E finalmente, “Santos: portas abertas para quem e para onde?”. Santos tem suas portas abertas para grandes países que tanto compram nossos produtos, como dependem da renda obtida com as compras que realizamos. Santos tem suas portas abertas para a história do Brasil. Santos tem suas portas abertas para a população litorânea que necessita da geração de empregos que o porto oferece.

No entanto, Santos tem suas portas fechadas para a população santista que pouco sabe sobre o funcionamento do porto. Santos e seu porto são locais importantes para o Brasil que abriram e continuam abrindo importantes portas para o mundo.

Luiza Fernandes

Neste texto pretendo relacionar as informações coletadas em grupo durante as aulas de Geografia com as respostas das entrevistas realizadas em Santos. Também pretendo escrever meus argumentos pessoais para responder a pergunta de nosso trabalho de campo, Santos: portas abertas para quem e para onde?

As fontes de informações que utilizarei para isso foram a apostila de campo, trabalhos de Geografia, ficha da aula de Projetos sobre a análise das entrevistas e o cadernos destas duas disciplinas.

Antes de ir a Santos, nós alunos do 7º ano, discutimos em classe e definimos que os principais produtos importados pelo porto seriam eletrônicos e os exportados seriam café, açúcar e petróleo. Estas foram as primeiras hipóteses que levantamos sobre os produtos importados e exportados pelo porto.

Depois disso, fomos para Santos e fizemos entrevistas com moradores da cidade. De volta às aulas de Projetos, analisamos e relacionamos as informações coletadas em campo com nossas hipóteses iniciais. Percebemos que parte dos produtos que pensamos em aula eram realmente os produtos mais importados e exportados na opinião dos entrevistados.

Depois de analisar as entrevistas sobre os produtos importados e exportados, começamos a analisar as respostas sobre as profissões relacionadas ao porto de Santos. Os principais trabalhos relacionados ao porto, na opinião dos entrevistados, eram firma, estiva, despachante, importador e exportador, desenhista e projetista, denúncias e solicitações, faz tudo, prestador de serviços, fiscal e administrador. O critério de análise que nosso grupo utilizou para categorizar as profissões foi a importância destes trabalhos e, em nossa opinião, os mais importantes eram administrador, desenhista e projetista, importado e exportador e fiscal.

Fizemos também um trabalho na disciplina de Geografia e com esta pesquisa conseguimos entender mais sobre o porto e a sua relação com portos de outros países.

Cheguei à conclusão que a pergunta Santos: portas abertas para quem e para onde? quer dizer que Santos está aberto para fazer trocas comerciais com diferentes países, mas também está aberto para receber muitos trabalhadores e se relacionar com vários lugares do mundo.

Vitor Forti

Com a proposta em mente, este texto tem como função responder a pergunta proposta para nosso trabalho de campo – Santos: portas abertas para quem e para onde?

Para facilitar o entendimento e esclarecimento do texto, utilizarei como fontes todas as pesquisas e atividades feitas em classe quando retornamos, assim como as entrevistas e dados coletados em campo, com a contribuição dos estudos aprofundados em Geografia sobre a relação do porto de Santos com portos de outros países.

Iniciamos a coleta de informações no trabalho de campo no próprio porto. Lá pudemos ver com nossos próprios olhos os intermináveis navios e suas bandeiras de origem. Ainda na cidade de Santos, entrevistamos pessoas aleatórias na Praça Mauá, que concordaram com a realização dos questionários sobre a vida na cidade e o porto de Santos.

Com esta coleta de informações tivemos acesso aos produtos mais importados e exportados pelo porto na opinião dos entrevistados. Além disso, com os seminários feitos em Geografia, obtivemos uma ampla visão da rede comercial que Santos tem fora do Brasil. Com o auxílio de um texto lido na aula de Projetos, descobrimos que o porto de Santos é o maior fornecedor de empregos da Baixada Santista.

Também com as entrevistas notamos que o senso comum tem grande importância, afinal, pelas respostas de nossos entrevistados descobrimos que segundo eles, por exemplo, o café continua sendo o item mais exportado por Santos. Parte de nossos entrevistados desconhece o fato de outros produtos, como a soja, dominarem grande parte das exportações.

De acordo com o texto que lemos, além de todos os estudos realizados podemos concluir que Santos tem suas portas abertas para o mundo, compartilhando suas riquezas com o exterior. Não se pode dizer para quem especificamente, mas concluímos que o porto é como uma ponte, ligando o Brasil a outros lugares do mundo, países e continentes.

Clara Malavasi

No trabalho de campo de Santos tínhamos como objetivo responder a uma pergunta fundamental, Santos: portas abertas para quem e para onde?. A partir das pesquisas realizadas na escola, do que aprendemos com as entrevistas em campo e de discussões com a classe sobre o resultado das entrevistas já podemos responder a esta pergunta.

O porto de Santos, em minha opinião, é muito importante para a região da Baixada Santista. O porto emprega mais de um terço (38%) dos moradores das cidades de Santos, Cubatão e Guarujá. A maioria de nossos entrevistados disseram que conhecia alguma pessoa que trabalhava no porto, e alguns disseram que seu trabalho tinha alguma relação com o porto. O porto de Santos é importante também, pois é o maior porto da América Latina e recebe a maioria dos produtos que outros países do mundo exportam para o Brasil via oceano.

Os entrevistados citaram como principais produtos exportados motos, algodão, óleo, álcool, grãos, produtos a granel, roupas, soja, carros, milho, suco, carne, trigo, café e açúcar. Parte desta lista faz sentido, pois no Brasil há muito cultivo de café e cana de açúcar e com a cana de açúcar se faz o álcool e o açúcar.

Os empregados do porto são muito importantes para sua organização, pois no porto há várias funções e os empregados as executam. Nas entrevistas foram citados vários tipos de profissões que tem no porto de Santos, entre elas, o vigilante, o administrador, o prático, o guarda, o contratador, o carga e descarga, o operador de máquinas, o estivador, o fiscal, o motorista, o operador de guindastes e o faz tudo.

Nas aulas de Geografia, fizemos seminários em duplas ou trios sobre a relação do porto de Santos com os outros portos do mundo, ou seja, o que o Brasil exporta para os diferentes países e o que importa destes lugares, além da comparação entre os portos. Essa relação entre os portos seria o “para onde” da questão do trabalho de campo. O porto só existe se ele tiver algum lugar com quem fazer trocas comercias.

Concluindo, a resposta para a pergunta seria: o porto tem suas portas abertas para os trabalhadores e para as mercadorias produzias em nosso território e que são exportadas através dele para outros países. O porto de Santos exporta para outros portos do mundo estabelecendo relações com eles, sem essas relações o porto não teria porque existir.

Marc Libiskind

Na viagem a Santos tivemos como objetivo estudar alguns conteúdos fora da sala de aula e a disciplina que mais se destacou para esta tarefa foi Geografia.

Quando visitamos o porto, o que mais me chamou atenção foi a quantidade de pilhas de containers, logo tirei a conclusão que o porto é bem movimentado e que tem condições de exportar e importar muitos produtos. Durante a visita ao porto também vi a grande movimentação de trabalhadores de várias áreas produtivas, seja braçal ou administrativa.

Após visitarmos o porto, discutimos com o nosso grupo tudo o que vimos em campo e o que concluímos ao observarmos as características do porto. Achávamos que o porto deveria importar eletrônicos e carros, tudo o que envolve tecnologia mais avançada. Tivemos também discussões em sala de quais seriam os produtos mais populares importados pelo porto.

Estudamos a partir da apostila de campo, de nossos cadernos e com nossos grupos os motivos que nos faziam acreditar que a maioria dos produtos importados seriam os eletrônicos. Concluímos que países como China e Estados Unidos são grandes produtores de produtos eletrônicos com que temos contato em nosso dia a dia, os quais têm etiquetas onde se vê escrito, por exemplo, “made in China”.

Depois de realizarmos as entrevistas com os moradores de Santos fizemos, na aula de Projetos, uma análise sobre os resultados dos dados fornecidos pelos entrevistados. Comparamos nossas hipóteses iniciais sobre os principais produtos importados com as respostas dos entrevistados e descobrimos que os eletrônicos também são citados como os mais importados. Pensamos que isso se deve ao fato de os entrevistados terem contato com estes produtos em seu dia a dia, assim como nós.

Na sala de informática, pesquisamos no site do porto de Santos os produtos importados e exportados e confirmamos que nossas hipóteses estavam corretas quanto aos eletrônicos, mas descobrimos que os produtos mais importados são adubos e produtos químicos para fertilizantes. Sobre as exportações, pensamos inicialmente com muita certeza que seria o café um dos produtos mais exportados, mas procuramos pensar em outros produtos também. Pelo fato de o Brasil ser um país que produz muitos gêneros agrícolas e que tem clima apropriado para estes, pensamos que os produtos seriam sucos e grãos. Conferimos no site do porto de Santos e confirmamos que importamos em maior quantidade grãos, sucos, carnes e maquinário.

Com as entrevistas, obtivemos informações também sobre os trabalhadores do porto. Vimos que é preciso muita gente para operar e conduzir as máquinas, carga e descarga, por exemplo. É preciso trabalhadores específicos para ajudar a atracar os navios, como os práticos, que têm autorização para isso. Em sala de aula, analisamos uma tabela com as profissões mencionadas por nossos entrevistados. Concluímos que o porto depende de muitos trabalhadores, sem um ou outro ele não funcionaria.

Também concluímos que o senso comum é bem forte na população santista e que o que mais acontece é o contato diário com marcas estrangeiras, o que faz com que as pessoas pensem que os produtos importados sejam em sua maioria roupas e eletrônicos.

Santos portas abertas para quem e para onde? Santos tem muitas portas abertas para diferentes países e muitos trabalhadores. Santos é uma cidade que consegue administrar muitos negócios com muitos países, ajudando o Brasil e seus parceiros comerciais. O porto ajuda Santos a ser mais populoso e mais rico, além de oferecer muitos empregos para a população.

Julia Pontes

Este texto tem por objetivo responder a pergunta do trabalho de campo: Santos: portas abertas para quem e para onde? Para respondermos apresentaremos aqui nossas fontes de pesquisa para conclusão do trabalho.

Utilizamos principalmente as entrevistas sobre o porto que realizamos com os moradores de Santos. Também os seminários que eram um trabalho na aula de Geografia, além dos trabalhos e fichas de análise das entrevistas nas aulas de Projetos. E por fim, os cadernos das duas disciplinas apresentadas.

As entrevistas mostram que a maioria dos moradores não conhece muito a respeito do porto e acham que ele é importante, mas não sabem o porquê, o que em nossa opinião é bem ruim. Segundo eles, os produtos mais importados são roupas, eletrônicos e automóveis. E os exportados são café, açúcar e soja.

Além disso, os entrevistados responderam que trabalham, têm familiares ou conhecidos que trabalham para o porto. Exemplo disso seria o de um de nossos entrevistados que era soldador.

Nos seminários de Geografia, os alunos foram divididos em vários grupos e cada um tinha um porto de algum outro país para pesquisar. O seminário explicava informações sobre o porto pesquisado e a relação com o porto de Santos, a partir das trocas comerciais.

E por fim, utilizamos para pensar na resposta da questão os cadernos que contêm todas as informações sobre os seminários, produtos exportados e importados de Santos e todos os trabalhos que descobrimos no porto.

Santos está aberto para todos os navios com produtos com destino ao porto, todos os seus parceiros comerciais como, por exemplo, Panamá, Cingapura, Chipre e muitos outros países de grande porte e pequeno também. Concluí isso pelos seminários que mostraram que todos os produtos escolhidos têm uma relação com o porto de Santos, um exporta para o outro, mesmo que seja apenas por bandeira de conveniência.

Na nossa viagem para Santos passeamos pela orla e vimos muitos navios com bandeiras dos portos apresentados nos seminários, o que comprova que provavelmente estou certa.

Santos também está aberto para todos os trabalhadores do porto, não só está aberto, mas os trabalhadores fazem parte dele. Eles são extremamente importantes para a estrutura e funcionamento do porto, como o prático que ajuda a atracar os navios, os vigilantes que cuidam da ordem do porto, os administradores que coordenam e gerenciam o funcionamento e muitos outros trabalhadores importantes.

Marina Cartum

V

COLÉGIO EQUIPE

Revista produzida para o Colégio Equipe

por CGC Educação

Design Gráfico: Zozi Mendes

equipe@colegioequipe.g12.br

www.colegioequipe.g12.br